

**A DIGLOSSIA ÁRABE:
UMA APRECIÇÃO DO *HASSANIYYA*
COMO REPRESENTANTE DA VERTENTE BAIXA
NO BINÁRIO DIGLÓSSICO**

Elias Mendes Gomes (USP)
eligomes@usp.br

Enquanto a maioria dos ocidentais sente afeto por suas línguas maternas, o orgulho e amor que os árabes sentem pelo árabe é muito mais intenso. A língua árabe é o maior tesouro cultural deles. (Margaret Nydell)

Historicamente, a rica língua árabe – com a prosa e a poesia altamente desenvolvida na época da Ja:hili:ya (a era pertencente ao período pré-islâmico) – sempre teve seu indiscutível lugar na Península Arábica e Oriente Médio mas, foi somente com o advento e expansão do Islamismo é que ela ganhou a projeção que a levou para além de suas fronteiras linguísticas históricas.

Até a morte de Mohamed, o Profeta do Islã, o Islamismo esteve confinado a duas cidades na Península Arábica: Meca e Medina. Com o governo centrado nas mãos dos três primeiros califas, o Império Islâmico teve um período de expansão e consolidação. As fronteiras do Islamismo estenderam-se através do Norte da África até a atual Tunísia, ao norte até a moderna Turquia, e a leste até a Pérsia.

Com o advento da Dinastia Omíada (661-750), o Império alcançou o extremo oeste do Norte da África (Marrocos), atravessou o Estreito de Gibraltar e adentrou a Península Ibérica ao norte. A leste, as fronteiras foram alargadas até a Índia (Lahore) e China. Com a queda da Dinastia Omíada, percebe-se que o Islamismo havia testemunhado uma expansão *externa* impressionante (tanto geograficamente quanto em influência); na Dinastia Abássida, entretanto, o Império Islâmico testemunhará uma consolidação e expansão *interna* sem precedentes. Durante os quase oito séculos de domínio do Califado Abássida, o território geográfico do Islamismo estendeu-se muito pouco, contudo, a civilização islâmica deu um salto para se

tornar exemplo de modernidade, erudição e desenvolvimento. Braswell (1996, p. 46) atesta esse fato ao relatar:

Quando os mongóis saquearam Bagdá em 1258 tendo em vista por um fim ao Califado Abássida lá, a civilização islâmica tinha sido estruturada em teologia, jurisprudência e ciência; e o árabe era falado da Espanha à Índia.

Esta justaposição de línguas, de um lado o árabe e do outro as línguas vernaculares, produziu um enriquecimento do léxico árabe, mas também levou à estratificação do idioma, o que resultou, posteriormente, em uma diglossia.

Nogueira (2006) explora essa noção em seu artigo “a diglossia nas comunidades árabes”. Ela traça a origem do conceito ao lingüísta francês William Marçais que em 1930 definiu a situação de diglossia e cunhou o termo para designar o fenômeno. Entretanto, foi Charles Ferguson que se tornou referência na literatura lingüística por sua definição do termo¹. Em seu clássico artigo de 1959, Ferguson descreveu a diglossia como “uma situação em que duas variedades da mesma língua são usadas para diferentes funções dentro da comunidade” (p. 35), que é o caso da língua falada no mundo árabe.

A vertente “H” (Alta) abrange antigos conceitos poéticos, estadísticos, filosóficos e religiosos que foram preservados e fazem parte de um universo arcaico, mas ainda utilizado, principalmente na arena religiosa islâmica. Essa variedade é conhecida como o *árabe clássico* (a linguagem perpetuada pelo Alcorão), e ela nunca é utilizada nas conversações do dia-a-dia, não sendo a língua materna de nenhuma das nações árabes. Entretanto, ela é aprendida formalmente e usada por estudiosos religiosos quando debatendo assuntos concernentes à fé. Essa variedade é símbolo de erudição e conhecimento teológico (HUDSON, 1980).

Essa mesma vertente “H” também engloba a variedade *árabe padrão moderno* (APM) que é uma forma modernizada do árabe clássico e é menos complexa do que a variedade clássica no que se

¹ William Marçais, em 1930, definiu a situação de diglossia nas comunidades árabes, mas foi Ferguson (1964), que posteriormente definiu esse fenômeno. Ferguson atribui às duas variedades as denominações H (H[igh]), como sendo a variedade elevada, identificando as vertentes *clássica* e *padrão* como pertencentes à essa categoria) e L (L[ow]), como sendo a variedade “baixa”, identificando com ela os dialetos regionais).

refere à sintaxe, morfologia e semântica (CORTÉS, 1996; NYDELL, 2002). Ela é entendida, se não falada, pela maioria dos árabes. O APM é usado em situações de locuções formais, tais como palestras, noticiários e discursos e, na forma escrita, em correspondência oficial, literatura e jornais. Essa variedade é aprendida através do sistema educacional formal, e serve como a “língua franca” entre todos os países árabes. A morfologia e sintaxe do árabe padrão moderno são essencialmente as mesmas em todos os países árabes, da Mauritânia ao Iraque. As poucas diferenças lexicais são restritas a apenas algumas áreas especializadas, ajudando a manter, como no passado, a unidade linguística do mundo árabe. Este fato dá a todos os descendentes árabes um senso de identidade e uma consciência de sua herança cultural comum. O árabe padrão moderno é de caráter conservativo e tende a criar e agregar neologismos ao seu banco de vocabulário partindo de combinações já existentes no árabe clássico, embora vários lexemas tenham sido emprestados de outros idiomas (CORTÉS, 1996).

A outra parte nessa diglossia é o *árabe dialetal*, ou o código “L”. Esta vertente varia de país a país e de região para região e é usada em todas as situações não formais do dia a dia, não obedecendo as regras gramaticais do clássico ou do padrão moderno, embora siga uma convenção própria e reconhecida. Essencialmente, esses dialetos são utilizados somente na versão oral, mas, algumas vezes, é reduzido à escrita, particularmente na poesia, em caricaturas de periódicos e em certos diálogos incluídos em romances contemporâneos. Entretanto não têm uma ortografia estabelecida. Contrário à vertente clássica e padrão moderno, os dialetos “não têm nenhum prestígio. Algumas pessoas vão ao extremo de dizerem que eles não têm gramática e que não vale a pena serem estudados com seriedade” (NYDELL, 2002, p. 116).

Outros estudiosos acrescentam à essa terceira vertente duas outras variedades: O árabe falado culto (HUDSON, 1980; ABU-MELHIM, 1992), e o árabe caiota (ABU-MELHIM, 1992). O árabe falado culto é a variedade usada por pessoas instruídas quando se comunicando com outras pessoas igualmente instruídas. El-Hassan (1978) citado em Abu-Melhim (1992) acrescenta a essa definição a seguinte característica: “No mundo árabe, os falantes instruídos usam uma variedade de árabe que nós chamamos de árabe falado cul-

to (AFC), que está baseado tanto no árabe padrão moderno como no árabe dialetal [as variedades regionais do árabe falado]” (ABU-MELHIM, 1992, p. 02).

O árabe caiota é a variedade urbana falada no Cairo (Egito), sendo a variedade mais conhecida de todos os dialetos árabes, “e provavelmente o mais prestigiado entre eles” (ABU-MELHIM, 1992, p. 07). Isso se deve ao fato de Cairo ser a “Hollywood” do mundo árabe. Centenas de filmes e músicas são oriundos deste centro cultural, disseminando, naturalmente, o léxico local. Além disso, educadores egípcios trabalham em todos os países de fala árabe, muitas vezes enviados pelo próprio governo egípcio em parceria com outros governos árabes.

Com essa breve introdução à diglossia árabe, espera-se ter apresentado argumentos que legitimizem a reivindicação de que a sociolinguística, especialmente o campo da dialetologia seja muito importante na linguística árabe. O objeto desse estudo, o Hassaniyya, é apenas um dos muitos “falares” presentes em todos os países árabes do Norte da África e Oriente Médio.

1. Mauritània: a terra dos mouros

A denominação “Mauritània” foi dada pelos romanos para toda a África do norte. “Mauri” deriva-se da palavra fenícia “Mahurim” que significa “os homens do deserto”. Após a independência, os mouros – o grupo étnico dominante no país – se apropriaram desse antigo nome, batizando a recém-independente nação com o título República Islâmica da Mauritània. O país se limita ao norte com o Marrocos (Saara Ocidental) e a Argélia, a leste com o Mali e ao sul com o Senegal. Ela cobre uma área de aproximadamente 1.030.000 km², o undécimo maior país africano. (NANTET, 2001).

A Mauritània tem sido habitada desde a pré-história: a abundância de pinturas nas rochas e cavernas, as ferramentas e as flechas de pedra que são facilmente encontradas no deserto parecem dar uma clara indicação de um passado glorioso, onde culturas pré-históricas disputavam entre si os animais de caça.

Por séculos, o Saara serviu como uma rota de migração e conquista entre a África do Norte e o Subsaara, e a Mauritânia parece ter absorvido muitas dessas ondas de conquistadores. Entretanto, foi somente através das rotas trans-saarianas que a Mauritânia tornou-se famosa. Por essas rotas os mercadores comerciaram sal, ouro, gado e, mais recentemente, escravos advindos das regiões subsaarianas (DÉSIRÉ-VUILLEMIN, 1997).

Sendo o elo entre a África do Norte com sua maioria árabe e os países da África negra, Mauritânia é um complexo étnico, cultural e linguístico. A exata proporção da população (brancos e negros) é uma matéria de disputa. Especula-se que o índice dos falantes de hassaniyya seja de aproximadamente 70% (divididos entre os mouros brancos e negros) enquanto que as minorias negro-africanas constituam os 30% restantes (MARMOL et alii, 2000; NANTET, 2001):

Mouros brancos: O grupo dominante de origem árabe-berbere. No passado eram todos nômades, mas gradualmente se sedentarizaram, sendo impulsionados pela grande seca que durou 25 anos após a Declaração da Independência (1960).

Mouros negros: Seus antepassados podem ser traçados a tribos que habitavam ao sul do Saara. Eles foram subjulgados e “arabizados” pelos mouros brancos, e, por conseguinte, adotaram a língua e cultura de seus antigos mestres.

2. *Hassaniyya: o falar dos mouros*

O hassaniyya, dialeto falado pelos arabófonos da Mauritânia, Saara Ocidental e partes da Argélia, também é chamado de [kla:m el-bi:ð a:n] (falar dos brancos) em oposição ao [kla:m lekwa:r] (falar dos negros) que compreende as línguas faladas pelas diversas minorias étnicas que compartilham o espaço geográfico da Mauritânia: os fulanis, soninkés, wolofs e bambaras.

Hassaniyya é derivado de /hassa:n/ o nome de uma das tribos árabes que penetrou o Norte da África nos séculos XIV / XV dC. Os [bani: hassa:n], literalmente, os filhos de Hassan, viajaram através do Marrocos e chegaram a Mauritânia onde impuseram sua língua, cultura e religião, após terem conquistado politicamente ao Saara Oci-

dental, até então dominado pelos berberes (DÉSIRÉ-VUILLEMIN, 1997).

Para efeito de esclarecimento, o objeto de estudo dessa pesquisa é apenas o idioleto falado pelos mouros mauritanos. Ele se difere consideravelmente do hassaniyya falado pelos mouros espalhados por toda a África Ocidental (onde atuam como comerciantes), e dos saarawis (que desenvolveram um léxico e um *modus operandi* diferentes devido sua associação com a Argélia, Espanha e Marrocos). Embora compartilhem a mesma língua e patrimônio cultural, os mouros da diáspora (e saarawis) adotaram algumas características e peculiaridades dos países onde se hospedam. Na Mauritânia, embora considerados como parte do mesmo grupo étnico, eles são, frequentemente, vistos como diferentes e atípicos, e isso é corroborado pela maneira como são tratados, particularmente quando chamados de [bizu:ga], um termo pejorativo que traz em seu bojo uma depreciação pela maneira como eles se comunicam no [kla:m elbi:ð a:n].

De acordo com Catherine Taine-Cheikh, uma notável estudiosa da língua e cultura moura, 90% do léxico do hassaniyya é derivado de raízes árabes (TAINÉ-CHEIKH, 1988). Ela reconhece que várias unidades lexicais de origem berbere são encontradas no léxico mouro, mas estas estão ligadas à toponímia, uma especialidade que normalmente não é muito explorada nos dicionários de língua geral (TAINÉ-CHEIKH, 2004). Havendo dito isso, Taine-Cheikh (1988) acredita que algumas tribos em especial, devido sua proximidade geográfica com falantes de outras línguas, enriqueceram seu “falar” com empréstimos dessas línguas em contato, como é o caso da tribo [awle:d berju:g] (que reside na região limítrofe à fronteira com o Senegal) que agregou muitos empréstimos do wolof – a língua franca senegalesa – à seu léxico.

Pierret (1948), entretanto, parece discordar da posição de Taine-Cheikh. Segundo ele, na introdução à sua obra “Étude du dialecte maure des régions sahariennes et sahéliennes de l’Afrique Occidentale Française”, outros orientalistas inventariaram o dialeto mouro, enfatizando a sua proximidade com o árabe em detrimento de sua relação com o berbere. Pierret advoga que há muitas palavras berberes em hassaniyya, notavelmente aquelas que se referem a animais, plantas, condições do solo, objetos domésticos etc. Ele culpa essa impre-

cisão ao fato dos pesquisadores se aterem à classe mais instruída da sociedade moura, esquecendo-se do resto da população.²

3. *Swadesh e a filogênese linguística*

Morris Swadesh, um proeminente linguísta norte-americano, fez seus estudos universitários na Universidade de Chigago sob a tutela de Leonard Bloomfield e Edward Sapir (precursores do estruturalismo americano, que ganhou expressão com Noam Chomsky). Durante toda sua carreira como linguísta, Swadesh continuou a ser influenciado por Sapir e suas teorias, o que o levou a nortear suas pesquisas para o campo de estudos linguísticos comparados. Devido as suas teorias não muito convencionais para a época, Swadesh foi comumente considerado uma figura muito controversial no campo de linguística. Antes mesmo de completar seu doutorado (Yale University), ele já havia trabalhado em várias línguas indígenas (nez perce, nitinat, chitimacha), tentando encontrar um ancestral linguístico comum, um tipo de “protolíngua” que, teoricamente, teria originado as diferentes expressões linguísticas presentes na América do Norte.

Foi neste contexto de linguística comparada que suas ideias de glotocronologia se desenvolveram e se solidificaram. Seu método não foi apenas usado para medir a profundidade do “grau de parentesco” das línguas conhecidas como “geneticamente” relacionadas, mas também para procurar demonstrar um possível relacionamento em um passado remoto daquelas línguas que, no momento atual, não são consideradas como sendo de uma mesma família de línguas. À medida que seus estudos avançavam, ele procurou encontrar relações linguísticas mais amplas, de escopo continental ou até mesmo global. Esse estudo das relações linguísticas estava totalmente baseado em semelhanças dos sistemas fonológicos e morfológicos e no paralelismo entre os itens lexicais. (NEWMAN, 1967).

². No prefácio do “Étude du dialecte Maure”, Henri Carbou testifica: “O trabalho de R. Pierret permitirá aos berberisantes de se darem conta, acuradamente, da influência do berbère sobre o hassaniyya. Esta influência se expande paulatinamente à medida em que se avança em direção ao leste, e que se embrenha no país tuaregue.” (Carbou apud Pierret, 1948, p. IX).

Embora criticado pela comunidade acadêmica por sua abordagem universalista e de premissas questionáveis, o método de Swadesh é, neste artigo, utilizado por ter se mostrado eficiente em estudos comparados dentro de um mesmo tronco linguístico. A ferramenta de análise é uma lista de palavras que contém um inventário dos vocábulos classificados como “básicos”, ou seja, conceitos que são conhecidos universalmente, ou, pelo menos, na maioria das línguas do mundo. A razão para uma lista precisa e fixa de conceitos, em lugar de uma lista de vocábulos arbitrários, é que esses itens lexicais fazem parte do vocabulário básico aprendido durante os primeiros anos de vida. Das duas versões existentes da lista (com 100 e 200 entradas respectivamente), privilegiou-se aqui a versão de 100 vocábulos.

4. Resultado da pesquisa

A premissa básica da lista é que, quando comparadas duas línguas, a proximidade linguística será proporcional ao número de cognatos presentes na lista. Entretanto, para melhor entender os resultados da pesquisa, faz-se necessário algumas informações básicas quanto à morfologia da língua árabe.

Uma das peculiaridades do tronco semítico de línguas, do qual a língua árabe faz parte, é a maneira pela qual os vocábulos são formados. Trata-se do sistema de derivação. Embora, na língua árabe, nem todas as palavras possam ser rastreadas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas deriva-se de um verbo simples. Essa combinação de grafemas traz em seu bojo uma noção específica. Assim, a composição /k-s-r/ representa a ideia de “quebrar”, enquanto que /d-r-s/ exprime o conceito de “estudar”, e /q-w-l/ o de “falar”, e assim por diante. Prefixos, sufixos e mudanças internas (tanto em acréscimos como em supressões) inseridos a essa raiz dão origem a novos termos relacionados à ideia principal.

As vogais longas ([a:], [i:], [u:]) têm grafemas que as representam, mas as suas correlatas breves ([a], [i], [u]) são representadas com acentos diacríticos que normalmente não são grafados quando da escrita. Taine-Cheikh (2004) atesta que em hassaniyya, além dessas vogais, outras também são usadas nas formas longa ([e:], [ɛ:]),

[ɔ:], breve ([e], [ɛ], [o], [ɔ], [ə]) e também a brevíssima [ɔ]. Adota-se aqui (e em toda a pesquisa) a transcrição do Alfabeto Fonético Internacional, em vez da transcrição fonológica de forma romanizada utilizada pela pesquisadora.

Outros fatores relevantes sobre a relação árabe/dialetos (especificamente o hassaniyya) serão esclarecidos à medida que surgirem os casos. Para os equivalentes do árabe padrão moderno usou-se o modelo postado no site da wikipédia³. Apresenta-se, abaixo, o resultado da pesquisa ilustrando cada instância com três exemplos.

A comparação das duas listas (árabe e hassaniyya) identificou que os vocábulos relacionados ao universo lexical árabe perfaziam 89 casos, enquanto que os vocábulos relacionados a outros universos lexicais somavam 11 casos. Esse fato, por si, parece indicar que, pelo menos na reduzida lista de Swadesh, a hipótese de Taine-Cheikh (1988) na qual ela assevera que o hassaniyya detém 90% de seu léxico oriundo de raízes árabes, aparenta ser válida. Entre os vocábulos relacionados ao universo lexical árabe, os itens podem ainda ser subdivididos em cinco categorias:

4.1. Vocábulos do hassaniyya virtualmente idênticos a seus pares em árabe padrão moderno (APM): 65 casos

Nesse caso os vocábulos permanecem o mesmo nas duas vertentes, com exceção de possíveis mudanças *vocálicas* (incluindo a supressão), uma vez que, como explicado acima, no APM só existem três vogais longas e suas correlatas breves:

Português	Árabe Padrão	Transcrição Fonética	Hassaniya	Transcrição Fonética
grande	كبير	[ka'bi:r]	كبير	[k'bi:r]
cão	كلب	[ˈkalb]	كلب	[ˈkɛlb]
sangue	دم	[damm]	دم	[ˈdamm]

³ Cf. http://en.wiktionary.org/wiki/Appendix:Afro-Asiatic_Swadesh_lists

4.2. Mudança ou supressão de um dos grafemas no radical trilítere: 6 casos

Observa-se nos seguintes exemplos que o vocábulo “mulher” teve seu primeiro grafema deletado. No segundo caso foi suprimido o “li” medial de [ˈðɑ:lɪkɑ] e o terceiro exemplo ilustra a eliminação do último grafema:

Português	Árabe Padrão	Transcrição Fonética	Hassaniya	Transcrição Fonética
Mulher	إمرأة	[ʔimˈra:ʔa]	مرءة	[ˈmra]
Aquele	ذلك	[ˈðɑ:lɪkɑ]	ذاك	[ˈðɛ:k]
pele	جلد	[ʒild]	جل	[ˈil]

4.3. Acréscimo de um grafema ao radical trilítere: 1 caso

No seguinte caso, houve o acréscimo da parada glotal [ʔ] anterior ao primeiro grafema da raiz. Também houve a mudança no grafema [ʁ] que inexiste em hassaniyya. Esse som, consistente com o sistema fonológico do hassaniyya, sempre é realizado como [q].

Português	Árabe Padrão	Transcrição Fonética	Hassaniya	Transcrição Fonética
Pequeno	صغير	[s aˈyi:r]	إصقير	[ʔʌsˈ qa:ir]

4.4. Vocábulos com o mesmo sentido, mas derivado de outra raiz do APM: 11 casos

Como mencionado anteriormente, os equivalentes para o árabe padrão moderno foram retirados da página do Wikipédia que exemplifica a “lista de Swadesh” em línguas do tronco Afro-Asiático. As entradas para o hassaniyya, porém, foram registradas de acordo com o conhecimento linguístico do próprio pesquisador e em conformidade com três dicionários. É da opinião do pesquisador que os vocábulos registrados em hassaniyya são os mais frequentes, mas seus equivalentes em APM também podem ser utilizados. O contexto dita qual é a melhor alternativa:

Português	Árabe Padrão	Transcrição Fonética	Hassaniya	Transcrição Fonética
Muitos	كثير	[ka'θi:r]	ياسر	[ˈja:sir]
Dormer	نام	[ˈna:ma]	رگد	[ˈrɛged]
Sentar	جلس	[ˈʒalisa]	گعد	[ˈgaʕad]

4.5. Vocábulos derivados de outras raízes árabes com sentido semelhante: 6 casos

Esses vocábulos, como expresso no enunciado acima, não têm o mesmo sentido na vertente árabe padrão, mas o desvio pode ser explicado pela linguística histórica. O hassaniyya preservou itens lexicais antigos que deixou de existir em outros falares. Esses vocábulos, entretanto, necessitam de informações complementares:

[ˈkerʃ] = estômago, mas primariamente de ruminantes (WEHR, 1979). É a mesma palavra usada para “papo” (em aves) e “pança” em um registro mais familiar.

[ˈħu:ta] = originalmente tem o sentido de baleia, mas uma segunda acepção menos usual é a de peixe (WEHR, 1979). Quando precedido pelo artigo definido torna-se o signo de “peixes” (zodiaco).

[χaˈna:vir] = derivado de um verbo árabe quadrilítere que, na vertente alta, não dá origem a substantivos. Enfoca-se mais a ação que o instrumento: respirar audivelmente pelo nariz obstruído, fungar, resfolegar (WEHR, 1979). Em hassaniyya, esse verbo deu origem ao substantivo “nariz”:

Português	Árabe Padrão	Transcrição Fonética	Hassaniya	Transcrição Fonética
Barriga	بطن	[ˈbaʔn]	كرش	[ˈkerʃ]
Peixe	سمكة	[ˈsamaka]	حوتة	[ˈħu:ta]
Nariz	انف	[ˈʔanf]	خنافر	[χaˈna:vir]

4.6. Considerações finais

A expansão da língua árabe para além de suas fronteiras históricas, bem como os resultados advindos desse crescimento, tem sido sobejamente estudada no meio acadêmico. O contato do árabe com as expressões vernaculares dos povos conquistados deu origem a muitos “falares” que, em tempo, se cristalizaram em dialetos distintos, distanciando-se, em alguns casos consideravelmente, da vertente escrita. Muitos desses dialetos têm sido estudados (notavelmente aqueles de países conhecidos) enquanto que outros permanecem na obscuridade. O hassaniyya, o dialeto falado na Mauritânia, Saara Ocidental e nos campos de refugiados de Tindouf (Argélia), se enquadra na categoria dos menos conhecidos, e por isso essa pesquisa. Com essa pesquisa esperou-se contribuir para a escassa literatura da área da dialetologia hassaniyya.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-MELHIM, A. H. *Communication across Arabic dialects: Code-switching and linguistic accommodation in informal conversational interactions*. College Station, TX. 1992. 266 p. Tese de doutoramento (English Studies) – Texas A & M University.
- BRASWELL, G. W. *Islam: Its prophet, peoples, politics and power*. Nashville: Broadman & Holman, 1996.
- CORTÉS, J. *Diccionario de árabe culto moderno: árabe-español*. Biblioteca Romántica Hispánica. Madrid: Gredos. 1996.
- DÉSIRE-VUILLEMIN, G. *Histoire de la Mauritanie: Des origines à l'indépendance*. Paris: Karthala, 1997.
- EL-HASSAN, S. A. Variation in the demonstrative system in Educated Spoken Arabic. In: *Archivum Linguisticum* 9 (1), p. 32-57. 1978.
- FERGUSON, C. *Contribution to Arabic linguistics*. Cambridge: Harvard University Press, 1964.
- HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

NOGUEIRA, C. R. A diglossia nas comunidades árabes. In: *Tiraz - Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*. Ano III, p. 32-57. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe – USP, 2006.

NEWMAN, S. Morris Swadesh (1909-1967). *Language* 43, 1967.

PIERRET, R. *Étude du dialecte maure des régions sahariennes et sahéliennes de l'Afrique Occidentale Française*. Paris: Imprimerie Nationale, 1948.

MARMOL, G.; OTREPPE, A. VAES, B. *Sahara*. Paris: Hachette, 2000.

NANTET, B. *Mauritanie*. Paris: Arthaud, 2001.

NYDELL, M. K. *Understanding Arabs: A guide to westerners*. Revised Version. Boston: Intercultural Press, 2002.

TAINÉ-CHEIKH, C. *Dictionnaire hassaniyya-français: Dialecte arabe de Mauritanie*. Paris: Geuthner, 1988.

TAINÉ-CHEIKH, C. *Lexique français-hassaniyya: Dialecte arabe de Mauritanie*. 2. ed. Paris: Geuthner, 2004.

WEHR, H. *Dictionary of Modern Written Arabic*. Ithaca: Spoken Language Services, 1979.

SWADESH LIST: http://en.wiktionary.org/wiki/Appendix:Afro-Asiatic_Swadesh_lists. Acesso em: 20 jul. 2010.